

**PRIN**

*cultura*

**CI**

*política*

**PIO**

**e  
r  
e  
n  
a  
s  
c  
e  
n  
ç  
a  
p  
o  
r  
t  
u  
g  
u  
e  
s  
a**

**sumário:**

*da cultura e da erudição, por João Gaspar Simões*

*liberalismo, por Alvaro Ribeiro*

*do ensino do português, por José Régio*

*a propósito de tempestade na ásia, por Adolfo*

*Casais Monteiro*

*Cinema*

*a deformação dos espiritos, por Adolfo*

*Casais Monteiro*

*Notas*



DIRECÇÃO DE ÁLVARO RIBEIRO, CASAIS MONTEIRO E MAIA PINTO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178—PORTO

**um escudo**



# PRINCÍPIO

PUBLICAÇÃO DE CULTURA E POLÍTICA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178—PORTO

EDITOR E ADMINISTRADOR-DELEGADO:  
CARLOS BASTOS

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
IMPRESA MODERNA, L.<sup>DA</sup>—PORTO

NÚMERO 4

1930

JULHO

25

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Número avulso . . . . .	1 escudo
Série de 5 números . . . . .	5 escudos
Série de 10 números . . . . .	10 escudos

Assinatura gratuita aos sócios da «Renascença Portuguesa»
Brinde de um volume das nossas edições aos assinantes duma
: : : : : série de 10 números : : : : :

## OBRAS DE

### Leonardo Coimbra

A Alegria, a Dôr e a Graça . . . . .	6\$00
Adoração . . . . .	4\$00
Razão Experimental . . . . .	6\$00
Jesus . . . . .	4\$00
Guerra Junqueiro . . . . .	5\$00

### Raúl Brandão

Teatro . . . . .	5\$00
O cêrcio do Pôrto . . . . .	15\$00
Memórias (1.º vol.) . . . . .	8\$00

### Teixeira de Pascoais

Regresso ao Paraíso . . . . .	5\$00
Arte de ser português . . . . .	4\$00
O Pobre Tolo . . . . .	5\$00

### António Sérgio

O problema da cultura . . . . .	2\$50
A função social dos estudantes . . . . .	2\$00

### Jaime Cortesão

Egas Moniz . . . . .	5\$00
----------------------	-------

E de outros autores, como: Augusto Casimiro, Carlos Selvagem, Pina de Moraes, Mário Beirão, Mendes Correia, Newton de Macedo, Ezequiel de Campos, Gastão de Sousa Dias, Norberto Lopes, etc.

# RENASCENÇA PORTUGUESA

Rua dos Mártires da Liberdade, 178—PORTO

A Sociedade para as relações culturais entre a U. R. S. S. e o Estrangeiro (U. D. K. S.) de Moscovo

APRESENTA EM PORTUGAL

## BULLETIN DE INFORMATION

Excelente revista ilustrada de ciência, arte, literatura, música, teatro, cinema, higiene, pedagogia, etc. revista que, sem qualquer intuito de propaganda política, resume o movimento cultural da U. R. S. S.

Depositários em Portugal:

### Renascença Portuguesa—PORTO

À venda em tôdas as Livrarias ♦ Desconto aos assinantes de «Princípio»

# IMPRESA MODERNA, Limitada

RUA DA FÁBRICA, 80—PORTO

Telefone, 883

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos  
ENCADERNAÇÕES SIMPLES E DE LUXO

# da cultura e da erudição

**E'** LAMENTÁVEL o emprêgo que se faz em Portugal dos termos cultura e erudição. Chama-se, indiferentemente, a um homem culto ou erudito. E, no entanto, a diferença é flagrante, é irreductível. Entre nós abundam os eruditos. Os cultos são raros. E mesmo àqueles a quem com maior propriedade se chamaria cultos, a designação se não aplica convenientemente, porque, com freqüência, a sua cultura não passa duma forma de erudição. Ser erudito é saber ou ter conhecimento memorativo de muitas obras, factos ou documentos; ser culto é *conhecer* ou ter adquirido uma experiência individual de muitas ou poucas obras, factos ou documentos. A erudição diz, pois, respeito à faculdade memorativa do homem; a cultura à sua capacidade de compreensão e assimilação — isto é, à totalidade das suas faculdades de re-criação individual das experiências e conhecimentos alheios. A erudição ensina o homem a reproduzir, com fidelidade, as *formas* — e apenas as *formas* — da cultura; a cultura filtra-lhe o seu espírito. Daí o erudito ser incapaz de transmitir do que aprendeu, aquela elasticidade, aquele fluxo de essências, que estampa na conversa e na obra do não-erudito — um vaivém, uma amplidão, um contínuo regresso às fontes da sua vitalidade ideológica e sensível — que nos aproxima do universo e nos faz adivinhar a extensão da sua *existência* humana. O erudito aceita os conhecimentos alheios com a mesma passiva inactividade individual com que o tradicionalista aceita a tradição. De resto um erudito é, sem excepção, tradicionalista. Tanto um como outro recebem a massa de experiências pretéritas sem tentar reagir sôbre elas.

Logo a reserva de conhecimentos do erudito e a de experiências do tradicionalista, existirem nêles de tal maneira que êles não vivem — o erudito, das suas ideias assimiladas e convertidas em produto da sua própria inteligência, o tradicionalista, das suas leis de vitalidade interna original — mas, tanto um como outro — limitam-se a obedecer a ideias e experiências mantidas na consciência como factos inevitáveis e estáveis. Quere dizer que o erudito e o tradicionalista vivem segundo um ritmo vital que lhes não pertence. Como um corpo flutuando à superfície das águas que as ondas concêntricas derivadas da queda doutro corpo nas mesmas águas fizessem oscilar — o erudito e o tradicionalista oscilam em obediência à vibração provocada numa superfície histórica por qualquer corpo de doutrina ou de vida de que resta apenas a vibração. Recebido de outros — ou através de outros — o ritmo persiste como se os que o receberam continuassem a viver no passado das existências transmissoras. Porque, segundo Max Scheler «graças à tradição vivemos no passado sem possuímos, todavia, as lembranças que a êle nos ligam e por consequência, sem sabermos que é no passado que vivemos» (1). Entre o tradicionalista e o erudito há, portanto, êste ponto de união: ambos obedecem a uma *situação de facto* — para conti-

nuar com Max Scheler — e ambos regeitam a *comunicação*, quere dizer, o *processus* de re-criação individual das experiências e ensinamentos alheios. E aqui lembramos Freud. A psicanálise faz consistir o seu processo de cura em trazer o doente até ao limiar dos acontecimentos recalçados. Uma vez aí, o doente *revive* êsses acontecimentos — e liberta-se. Eis de que parecem o tradicionalista e o erudito: qualquer dêles precisa de *reviver* as experiências acumuladas (recalçadas no tradicionalista; acumuladas, no erudito). E' a falta duma aceitação experimental, viva, que produz a *secura* e a esterilidade do erudito; é da recepção tácita do passado e da sua devolução para o subconsciente, que nasce o automatismo e o fatalismo do tradicionalista. A um e outro falta, em conclusão, a *realização viva e individual* das experiências e dos conhecimentos recebidos. Eis porque o homem culto é inimigo da tradição. A cultura é um progresso do espírito — uma permanente excitação das forças da inteligência.

*Espírito culto*, diz-se; não *espírito erudito*. *Espírito erudito* é uma contradição. Só o espírito é acessível a um progresso — a uma *cultura*, no sentido etimológico do termo. Com a libertação e o aproveitamento da energia da *cultura* faz-se uma espécie de digestão. Entre o que se recebeu de fora e o que existia latente no homem realiza-se uma reacção química que tem por fim vivificar e multiplicar as suas possibilidades criadoras e compreensivas. A erudição, pelo contrário, não age quimicamente. Como um bloco pesado e indecomponível por qualquer reagente — a erudição *existe* na consciência do homem, como se não lhe pertencesse. Nunca, quem a possui, se libertará dêsse pêso que se precipita sôbre tôdas as suas manifestações intelectuais de tal forma que o erudito acaba por nos dar a impressão duma vida soterrada ou mumificada.

Tudo quanto diz, tudo que lhe interessa, tudo que lhe merece atenção — respeita aos arquivos, aos fundos da história, aos materiais perfeitamente mortos e decompostos da vida. Da literatura é-lhe acessível um pormenor bibliográfico de Camões; da história, a descoberta dum documento relativo à data precisa dum acontecimento insignificante; da arte, o nome de todos os familiares, amigos e conhecidos dum qualquer pintor, e assim por diante. O que é literatura? — já se esqueceu; o que é história? — nunca o soube; que vem a ser arte? — jamais o saberá. Por fim, o erudito convence-se de que os escritores, os homens duma maneira geral, e os artistas — escreveram, viveram e criaram obras de arte, para êle se entreter a remexer nas suas cinzas. Eis o que há em Portugal — eruditos. Os professores de literatura são eruditos, os historiadores, são eruditos, os críticos de arte — eruditos são. Mas tudo estaria bem, se houvesse *verdadeiros espíritos cultos*. Então os eruditos seriam relegados à sua actividade — a erudição, e não preencheriam os lugares que só àqueles devem pertencer. Emquanto em Portugal se não tiver, todavia, a consciência profunda da cultura — profunda e viva — os eruditos continuarão a desempenhar o desastroso papel de *espíritos cultos*.

3

(1) Natureza e Formas da Simpatia — Payot. Paris, pág. 63.

# liberalismo

**DISSEMOS** que em Portugal nunca existiu Democracia, que não se fez ainda a revolução democrática. Isto equivale a dizer que o período político 1910-1930 deve ser estudado e classificado como último (?) período do liberalismo ou constitucionalismo.

De Outubro de 1910 a Agosto de 1911 não se fez a revolução democrática; depois regressou-se ao vagaroso ritmo da monarquia constitucional. Aparentemente, em fórmulas, rótulos e símbolos houve uma grande transformação, — mas a nova aparência não nos satisfaz nem nos diverte; a legislação e a administração posteriores a 1910 raras vezes obtiveram características democráticas, seguiram quasi sempre a ponderada linha da evolução do liberalismo.

Ora já é tempo de se começar a compreender que a substituição de governantes pode ser feita sem alterações do regime de governo, e que não é por isso que a Democracia se opõe à Monarquia.

\* \* \*

A monarquia é essencialmente o governo de um só homem, chefe de Estado, representante da Nação, que, por motivo da complexidade da administração pública, costuma escolher uns colaboradores vulgarmente chamados *ministros*.

Quando aquêlê homem tem de governar segundo uma lei e sob a fiscalização do Parlamento, a monarquia toma o nome de constitucional.

Podem à vontade substituir o governante, trocar a designação de *rei* pela de *presidente*, fixar o praso de governo em 4 anos, etc., existirá sempre monarquia na medida em que o Parlamento se limitar à fiscalização, isto é, na medida em que o monarca tiver iniciativa. Se o representante da Nação não tiver, de facto, iniciativa, monarca passará a ser o presidente do Ministério, mas continuará a existir a monarquia constitucional.

A evolução do constitucionalismo fez-se neste sentido: — realza, presidencialismo, e governo dos presidentes de ministério.

Ao constitucionalismo também se chama liberalismo quando existe a liberdade de luta e guerra entre os vários candidatos à monarquia, sobretudo à presidência de Ministério. Desta anti-democrática política de guerra resulta muitas vezes tal acumulação de ódios que só ilegais processos militaristas podem libertar. Veja-se a história política do liberalismo até 1930.

O constitucionalismo *concede* aos cidadãos a escolha de alguns fiscais, representantes duma limitada área do País. O Parlamento ou conselho fiscal é, no liberalismo, mais uma arma de guerra que os batalhões ou partidos aproveitam.

4 O conflito entre deputados e senadores, entre a oposição e os governamentais, a luta entre Parlamento e o Ministério, a ascensão e a queda de gabinetes, etc., demonstram bem quanto a política liberalista (com ou sem realza) é negativa, estéril, autoritária, violenta e sobretudo anti-democrática. As ditaduras provam a falência dêste regime de monarquia constitucional, e só é pena que alguns o confundam com a Democracia e o Parlamentarismo.

A *Constituição de 1911* é uma norma de política liberalista, não é a expressão jurídica da Democracia. Esperemos que a futura Assembleia Nacional Constituinte assim o compreenda, revogando-a, e elaborando em diferentes moldes a nova lei de política democrática. A *Constituição de 1911* não merece ser alterada, corrigida, ou transformada, porque obedece a um plano nacionalista e autoritário, ao plano das monarquias liberalistas.

Não se fez, portanto, em 1910-1911 a revolução democrática, nem sequer na expressão jurídica. Continuou o vagaroso ritmo da monarquia constitucional...

Deu-se aos adversários da Democracia licença de combate e de traição: — *licença de combate* cedendo a *constituição* e a *lei eleitoral* todos os direitos políticos, *licença de traição* permitindo que nos estabelecimentos do Estado êles ensinassem as suas doutrinas.

Foram concedidos iguais direitos aos adversários, aos adesivos e aos históricos: — não se organizou, negou-se a própria Democracia.

Não falta quem defenda ainda tal igualdade de direitos políticos, em nome da *tolerância*, do *espírito de liberdade* que caracteriza a Democracia. Aos que defendem semelhante *tolerância*, perguntamos para que se fez o 5 de Outubro, porque não se esperou então pelos resultados da liberdade que a monarquia constitucional legalmente concedia aos republicanos?

Para fazer a mesma política, e com a mesma gente, porque não se respeitou a aparência da monarquia constitucional? Para que se aboliu a realza?

Depois de 1911 continuaram as mesmas leis, a mesma política, a mesma gente e a mesma doutrina. Não se fez ainda a revolução democrática.

\* \* \*

Monarquia e Democracia procedem de valores espirituais diferentes, exigem diversas civilizações: ora qualquer *civilização* supõe uma *cultura* que a garanta e uma revolução que a inicie. Não se compreendem doutra forma as revoluções francesa e russa.

Antes de 1910 estava preparada a cultura democrática? Realizou-se ao menos essa cultura de 1910 aos nossos dias? Onde estão as nacionais manifestações de tal cultura?

— Foi depois de 1914 que apareceu e se formou o *integralismo lusitano*.

\* \* \*

O Estado tem necessariamente uma doutrina oficial que inspira a sua legislação e orienta o seu ensino. Se o Estado não a formula, todos são livres de a combater, todos podem destruir os seus fundamentos. A Universidade pode assim lutar contra a revolução, impedindo que se forme a difícil e superior cultura que garante a Democracia.

O estudo dos nossos programas e métodos de ensino e a análise dos poucos livros que os catedráticos teem publicado, o inquérito ao trabalho da Universidade portuguesa de 1910 a 1930, etc., demonstrarão aos curiosos a seriedade e o valor da cultura democrática em Portugal.

Nas faculdades de Direito ensina-se e sugere-se o *autoritarismo*, nas faculdades de Letras o *nacionalismo*, nas outras faculdades a indiferença perante a solidariedade social.

Chamamos autoritarismo àquela doutrina que adoptam, sem grandes variantes, os mestres de Direito em Portugal. Basta ler as obras dos catedráticos de Direito civil e de Direito constitucional ou político para se formar a convicção de que os juristas republicanos receberam a doutrina dos monárquicos com os quais estão essencialmente de acôrdo.

Começam por afirmar que Adão nunca existiu, isto é, que o homem isolado é uma invenção metafísica de Rousseau e que o homem viveu sempre em sociedade. Estabelecido este ponto, dizem que a sociedade não pode existir sem impôr regras aos indivíduos, regras que se chamam leis ou normas jurídicas quando garantidas por um forte poder de coacção. A sociedade é representada por certos homens que fazem a lei, e só ela pode conceder liberdade e direitos individuais.

Não, que muitas vezes o indivíduo tem interesses opostos aos da sociedade, e é preciso que a lei e o Estado saibam castigar o indivíduo rebelde!...

Esta doutrina da pressão social, e dos seus órgãos conscientes, coloca a autoridade e a lei antes da liberdade: por isso a consideramos como um *autoritarismo* incompatível com a doutrina democrática.

O nacionalismo dos catedráticos de Letras harmoniza-se muito bem com o autoritarismo: pressão social, escatologia nacionalista.

A' sociedade chama-se Nação, e como a indivi-

dualidade da Nação é o seu passado, procura-se explicar, justificar, elogiar o passado. O velho Portugal deve ser respeitado por consideração para com as suas tradições.

A história é assim o principal fundamento da cultura. Quando o problema aparece como o duma sociedade a construir em vez dum passado a recordar, o nacionalista chama a atenção para as lições da história, para os moldes imutáveis da tradição. A história fornece, nas Faculdades de Letras, tôdas as disciplinas normativas; o que foi dá a norma do que deve ser. Pouco importa que a civilização democrática seja radicalmente diferente da civilização anterior.

Como pode existir Democracia num país cuja Universidade não desenvolve a cultura democrática?

\*  
\* \*

Não se fêz ainda a revolução democrática, nunca existiu Democracia em Portugal, o período 1910-1930 pertence à história do liberalismo. Tem existido apenas uma desorientada luta pela Democracia.

Com estas breves notas não pretendemos convencer os satisfeitos, os conservadores, os que se iludem ou querem iludir com aparências sem valor. Quisemos apenas demonstrar que a política dos novos não tem por finalidade o «regresso à constituição», mas sim a organização da Democracia.

Á L V A R O R I B E I R O

## Uma atitude sintomática

*Um dia, como tantos, encontraram-se na Biblioteca Municipal uma aluna e um aluno da Faculdade de Letras. Conversavam como camaradas que eram. Mas — ó tragédia! — eis que passa a jesuítica sombra do sr. Joaquim Costa, sub-director da Biblioteca, que fulminou repetidas vezes a infausta mesa com olhares de assassino impotente... mas não teve coragem de dizer nada. No dia seguinte, todavia, havia na Biblioteca duas mesas reservadas ao sexo frágil. A ofendida virtude do sr. sub-director pretendia assim impedir que fôssem namorar-se para o templo do saber.*

*Não sabemos que mais admirar: se a pudicícia dêste senhor, se a petulância com que se arroga o direito de impôr lugares (não comentando já o ofensivo julgamento e sentença sôbre a honestidade duma senhora, que significava essa marcação de lugares). Queremos apenas salientar que o sr. Costa procedendo dêste modo julga defender a moral, e ter a apoiá-lo uma parte da opinião pública; mas que ideia fará S. Ex.<sup>a</sup> da moral pública? Pelo facto de duas pessoas de sexo diferente conversarem, a respeitável moral bibliotecária sentir-se há ofendida? Onde, em que país se julga o sr. Costa? Sabe que vivemos em República? E mais: — cabe nas suas funções tomar idênticas atitudes? E ainda: porque não cuida mais dos serviços que lhes incumbem, em vez de pôr a descoberto, o freudiano complexo que revela a sua atitude? O respeitável plumitivo do simbólico Notícias, julga que está em sua casa? Cuidado, senhor Celso, que os seus caprichos podem dar mau resultado...*

*Em vista do que, Princípio reclama a anulação da medieva disposição. Ao sr. João Grave, director da Biblioteca, chamamos a atenção para este incrível caso.*

## PRINCÍPIO

Aumentará o número das suas páginas e desenvolverá as suas secções, na medida em que tu, leitor, lhe conseguires novos assinantes.

## PRINCÍPIO

Recomenda a leitura, meditação e livre crítica dos seguintes livros:

- E. Goblot — *La Barrière et le Niveau*
- J. Guehenno — *Caliban parle*
- J. Benda — *La trahison des clercs*  
*La fin de l'éternel*
- E. Berl — *Mort de la pensée bourgeoise*  
*Mort de la morale bourgeoise*

Coleccionai PRINCÍPIO

Lêr a revista A ÁGUIA

Inscrevei-vos sócios da  
RENASCENÇA PORTUGUESA

# do ensino do português

**E**NSINA-SE a ler, a escrever, a redigir. Ensina-se a gramática, a estilística, a história de literatura. Remonta-se às origens do português ensina-se a filiação no latim, ensina-se o português que ainda não é... português. E como estes estudos requerem, segundo os métodos geralmente seguidos, uma capacidade de abstracção nada fácil de encontrar em crianças; uma continuidade de atenção voluntária que não só nas crianças como também nos adultos é um difficilimo triunfo da vontade racional sôbre as tendências; e uma ginástica da memória que lhe permita receber não o que naturalmente a impressiona mas o que se julga dever fazê-la receber—segue-se que em breve o estudo do português se torna odioso às crianças. Vejamos o que é, de facto, o estudo do português para um aluno dos nossos liceus? E' tirar os significados, é dividir as orações, é martelar a lição de gramática, é decorar, na história de literatura, datas, nomes de obras, esboços biográficos, ... etc., etc. Aos professores que sabem estas coisas (e que na maioria também as não sabem senão mecânica e profissionalmente) parece natural que as crianças as saibam. Não se lembram, eles, de que só as sabem porque o exercício da sua profissão os obrigou a sabê-las. E não chegam a pôr ante o seu espírito as seguintes perguntas, que, de resto, nunca puseram em relação a êles próprios: Saber estas coisas *mecanicamente*, isto é: sabê-las por um forçado exercício da memória alheio ao da inteligência—é sabê-las? Que ganha, com tal *sciência*, o desenvolvimento espiritual e cultural da criança? Se alguma coisa ganha,—está êsse ganho em relação com o esforço dispendido? E aquilo mesmo que parece ganhar, nesta luta exigida à criança com a sua própria natureza infantil,—não é antes simples obra da natureza, alheia aos esforços da educação? não pode ser, até, obra de reacção da natureza sôbre o trabalho do pseudo educador? Numa palavra: Não pode o instrutor ter antes entravado, do que impulsionado o natural desenvolvimento do educando? Ao fundo destas interrogações, debate-se o próprio problema da erudição e da cultura; da *informação* e da *formação*. Ora num decreto publicado há dias sôbre a organização de exames nos nossos liceus—salienta-se o facto do ensino secundário ter um papel antes *formador* do que *informador*. As ideias que venho pois esboçando—e que não são originaes no sentido de serem novas ou excêntricas; mas sim no de eu as sentir verdadeiras como sentimos tôdas as originariamente nossas—estão de acôrdo com o pensamento official. Mais não são, de resto, do que dados do mais elementar bom senso comum. O verdadeiro papel de ensino secundário foi, portanto, concebido pelas entidades officiais. Foi, pelo menos, entrevisto. Que resta? Resta realizá-lo. Ora em educação—a realização é tudo. Um educador é um praticante, e não um simples teórico: um activo e não um especulativo. Quero dizer que, no educador-instrutor, a faculdade de conceber e a de agir, devem ser como que simultâneas. Continuando, pois, e tirando algumas conclusões lógicas daquela preciosa nota do já citado decreto: O que mais importa à criança não é saber os nomes de tôdas as figuras ou imagens que o professor possa propôr-lhe; não é explicar (?) o significado duma palavra, que

**2** desconhece, com sinónimos igualmente obscuros; não é definir *substantivo, adjectivo, verbo, ou sujeito, predicado, complemento*,—com termos alheios tão incompreensíveis como os próprios termos de *substantivo, adjectivo, verbo, sujeito, predicado, complemento*; não é saber a origem latina da maioria das palavras portuguesas,—antes de ter do português o conhecimento, o amor, o interêsse que naturalmente a levem a querer conhecer-lhe a origem. E essa filiação duma língua evolutiva (independente na medida em que o é qualquer língua viva) numa língua morta,—será base principal do seu conhecimento? Eis um ponto rico de consequências: Pois que o excessivo pêso que o latim ainda exerce na consciência dos nossos professores de português é um dos principais impedimentos a que o estudo do português se faça como deve fazer-se o estudo duma língua viva. Tanto mais que, no ensino da língua pátria, a preferência é dada aos professores especializados em latim sôbre os especializados... na língua pátria! O que parece demonstrar que ao legislador não importou tanto o estudo do português como o do cordão umbilical que prende o português ao latim. Mas por agora, fechemos o parêntesis sôbre êste ponto. Continuo: O que mais importa na instrução-educação da criança—não é pois o habilitá-la a papaguear abstracções a que não achará sentido. E' sim, desenvolver-lhe o espírito de modo a que ela possa compreender o conteúdo dessas abstracções, a *realidade* dessas palavras. Eis um trabalho de educação, de formação, de cultura, que, pelo menos aparentemente, nada tem ainda com o ensino do português. Querer ensinar seja o que fôr a quem quer que ainda não seja capaz de apreender, de assimilar, de integrar em seu próprio espírito o espírito do que se lhe queira ensinar—é como atirar sementes a uma terra não lavrada: As sementes ficarão à superfície, perfeitamente inúteis. Só depois duma preparação antecedente (ou, pelo menos, simultânea) se pode dar à criança e ao adolescente palavras cujo sentido êles ainda desconhecem—mas já estão aptos a conhecer. Em suma: E' preciso que a criança conheça a coisa antes de lhe saber o nome. Por uma série de práticas e observações inteligentemente conduzidas pelo instrutor-educador (e nisso revelará êle as qualidades positivas ou negativas que o destinam ou não à sua missão) deve o educando chegar a ser capaz de formular a regra antes de a ter decorado num compêndio, de definir uma coisa antes de lhe terem imposto qualquer definição alheia, de distinguir e aproximar antes de a terem obrigado a distinções ou aproximações dogmáticas. A lei será tanto mais justamente formulada, a definição tanto mais perfeita, as relações tanto mais inteligentemente estabelecidas,—quanto mais *culto* fôr o espírito da criança; e também (coisa importante) quanto mais *verdadeiro* fôr o seu conhecimento da língua em que se exprima. Porque a inteligente exposição verbal ou escrita seja do que fôr—depende não só da consciência que o expositor tenha daquilo que expõe, mas também do seu conhecimento da língua em que o expõe. Sem estar mais ou menos seguro dos meios de expressão duma língua, como poderá qualquer exprimir nessa língua as suas aquisições intellectuais, sentimentais, sensacionais, etc.? Bem sei que se procura iludir essa interdepen-

dência, fornecendo ao estudante um conjunto de *frases feitas*. Eis, precisamente, contra o que me revolto! E cá estamos novamente no motivo restrito destes artigos: o ensino do português. Parecerá, à primeira vista, que, tendo-me proposto esse motivo, só rodeio o assunto e me disperso em variações (repito: nem novas nem *originais*) sobre o tema geral da educação. Na verdade, porém, não vejo que se possa tratar do ensino seja do que fôr—sem se abeirar o tema geral do ensino, da instrução, da formação, da educação. Não vejo, também, que o estudo de qualquer ramo das sciências, letras ou artes possa ter finalidade superior à de contribuir para o enriquecimento espiritual do homem. Não vejo, ainda, que o verdadeiro progresso por assim dizer técnico em qualquer desses ramos se possa dar sem um correlativo progresso cultural, espiritual. E cingindo-me ao tema do estudo da língua pátria,—não vejo, sobretudo, que um progresso no conhecimento dessa língua (cujo conhecimento mais urgente o aluno adquire durante a primeira infância) possa não depender dum progresso da inteligência. Não confundir aqui, como tantas vezes se faz, o termo inteligência com os termos mais restritos de *razão* ou *intelecto*. Tôda a sensação, tôda a emoção, todo o sentimento, todo o pensamento busca uma expressão, uma forma, uma exteriorização—cuja virtualidade por assim dizer já implica... E como poderemos nós dizer que alguém pensa bem ou mal, sente com profundidade ou frouxamente, observa com agudeza ou com superficialidade, senão porque êle se exprime, e pelo modo por que se exprime? E como pode alguém exprimir-se bem ou mal, com profundidade e agudeza ou com hesitação e banalidade, senão pelo modo por que sente e pensa..., e pode e sabe usar da língua em que se exprime? De modo que é admissível supôr-se que alguém sinta e pense com profundidade ou inteligência, sem que se exprima correlativamente. Mas não é admissível supôr-se que alguém se exprima com inteligência e profundidade, sem que sinta e pense em relação. Bem sei que se pode afectar essa inadmissibilidade por um conhecimento apenas *erudito*, exterior, da língua: E' o caso de muitos dos nossos escritores ou oradores, que por isso classificamos, pejorativamente, de retóricos. Mas essa affectação torna-se evidente; e o conhecimento que implica é vazio de sentido. Concluindo: Um progresso na língua pátria só é verdadeiro quando relativo a um progresso cultural. Portanto—supressão, no ensino do português, de todos os meios mecânicos de ensino! O uso extemporâneo dos compêndios de gramática parece-me, conseqüentemente, condenável: Não se fez a língua segundo os compêndios de gramática; depois da língua feita, escreveram-se os compêndios de gramática pela observação dela. E os compêndios de gramática vão-se modificando conforme a língua vai evoluindo. Que o estudo da gramática portuguesa comece, pois, por dispensar o uso puramente mnemónico dos compêndios; e que resulte da colaboração do professor e do aluno na prática e na observação da língua viva. Pois é segundo essa—a língua do povo e a dos literatos-criadores—que a gramática se vai modificando e se vai *fazendo*. Não impede, isto, que o aluno chegue a um certo número de certezas, pois tôda a língua respeita um certo número delas na sua evolução. Não impede, até, que muitas dessas certezas lhe apareçam breve. Mas só depois podem vir os compêndios! O estudante poderá então compreender o que antes só lhe poderia aparecer como um conjunto de incompreensíveis abstracções: E terá neles óptimos auxiliares de fixação e compreen-

são. Falar, ler, escrever,—eis os meios de progredir verdadeiramente no estudo duma língua, se dêles se fizer o uso conveniente. Trataremos nos seguintes parágrafos das dificuldades que possa levantar a realização prática destas insinuações de teórico. Veremos também como o verdadeiro estudo da literatura pátria é favorecido pelo estudo da língua assim conduzido. E ainda outras coisas mais.

J O S É R É G I O

---

## PRINCÍPIO

recomenda os livros

*mort de la pensée bourgeoise*  
*mort de la morale bourgeoise*  
de  
emmanuel berl

---

## NO PRINCÍPIO

E  
S  
C  
R  
E  
V  
E  
R  
A  
M

Adolfo Casais Monteiro  
Álvaro Ribeiro  
Agostinho da Silva  
Delfim Santos  
João Gaspar Simões  
José Carlos Marinho  
José Régio  
Maia Pinto  
Rodrigues de Freitas  
Sousa Pereira

---

## ESCREVERÃO

ALÉM DOS MESMOS

Adeodato Barreto  
Angélica P. de Almeida  
António Alvim  
António Emilio Filgueiras  
António Salgado Júnior  
António Sérgio  
Baltazar Valente  
Carlos Sanches  
Feliciano Ramos  
Fernanda Cunha  
Horácio Cunha  
Joaquim Magalhães  
Leonardo Coimbra  
Luís Guedes  
Manuel Mendes  
Marques da Silva  
Martins de Carvalho  
Samuel de Carvalho  
Sant'Ana Dionísio

# c i n e m a

a propósito de

## tempestade na ásia

de Pudovkine

DO pouco que entre nós se tem visto do cinema russo, podemos já concluir alguma coisa sobre as suas características fundamentais; e que admirável esforço de renovação realiza, em contraste com o constante e progressivo abastardamento do cinema europeu e americano.

Independentemente da personalidade que revela a técnica, alguma coisa há que basta para o distinguir: a qualidade dos temas que esses *films* desenvolvem. Em qualquer dos filmes que entre nós foram exibidos (*Aldeia do Pecado*, *A Mãe*, *Tempestade na Ásia*), encontramos uma vitalidade — diríamos: um realismo, se não receássemos má interpretação da palavra, — uma atmosfera tão despida de artificialidade, tão próxima da verdade humana, que somos transportados a um ambiente completamente diverso daquele a que estamos habituados, e que é profundamente convencional. Mesmo aqueles filmes franceses, alemães, norte-americanos, etc., que saem da vulgaridade, raras vezes se furtam a um diletantismo envenenador, que, impregna, desde a escolha dos assuntos ao *jôgo* dos actores, diletantismo a que não é estranho o facto de os realizadores preferirem para argumento, romances e novelas do pior género.

Precisamente, os realizadores russos, quando não trabalham sobre argumentos virgens, isto, não procurados em obras literárias ou teatrais, aproveitam e baseiam-se em obras de autêntico valor — *A Mãe*, de Gorky, por exemplo. E aqui devemos lembrar um facto muito importante: como todos sabem, na Rússia o produtor é o Estado; o cinema está portanto livre dos prejuízos que nos países capitalistas advêm da comercialização, das preocupações visando exclusivamente o lucro. A diferença não é pequena, pois o gosto do público, não educado, vai ao pior, motivando por parte dos produtores a escolha de assuntos que estejam dentro da mediocridade do público a que se destinam.

Ora o cinema soviético existe para educar. A sua importância não foi ignorada por Lênine, que o considerava a arte mais importante. Mas, aqui surge um problema essencial, muito aproveitado pelos especialistas da detracção sistemática: Muitos ignorantes — ignorantes de verdade, ou ignorantes por conveniência? — costumam fazer cavalo de batalha do facto do cinema soviético ser determinado por finalidades educativas. As interpretações fantasistas que dão à palavra educação essas personagens, mostra apenas que as suas concepções da educação são bastante primitivas; julgam certamente que educar não vai além de ensinar a ler, escrever e contar, e pouco mais.

Ora, este sentido educativo do cinema soviético, é preciso entendê-lo num sentido muito largo — demasiado largo para as inteligências de superfície, que tudo julgam entender, pois para elas tudo é simples. Esses bárbaros que teem museus admiráveis, não vêem

no cinema unicamente um meio de propaganda; não julgueis — ó vestais do cinema puro! — que vos querem ensinar marxismo por imagens. Cada coisa tem o seu lugar, e educar entende-se também com respeito à beleza.

O cinema que vive sob a garra dos interesses capitalistas, esse é um veneno que só por milagre poderá ter a fecundidade de abrir almas à beleza. Mas o cinema soviético, esse que não esmagará a má-fé e a incompreensão, enche-nos de visões belas e intensas. Porque a beleza não é um *bibelot* para adornar a sala de visitas de um burguês; não está nas superficialidades que podem entreter um momento: a beleza, essa que encontramos nos *films* russos, é forte e transcende sem dúvida a sensibilidade dos admiradores de Clara Bow e de Rodolfo Valentino; é uma beleza que não exclui tragédia nem sofrimento, e que pode aparecer num regato que desliza entre calhaus, na revolta dum povo que avança em tempestade, na alegria dionisica duma festa da aldeia, numa expressão de prisioneiro fitando o sol. Beleza que não é para as mãos débeis dos estetas a profanarem, mas se destina à coragem daqueles que aceitam a vida a peito descoberto, sem máscaras. Esses compreendem qual a beleza, e qual o sentido educativo dos *films* russos: sentido educativo que se realiza numa dignificação do homem, pela visão duma vida com todos os extremos, mal, bem, felicidade, dor, duma humanidade viva, sem os alambicamentos ridículos ou torpes do nosso cinema.

\*

*Tempestade na Ásia*, apesar dos bárbaros cortes que sofreu, revela-se-nos todavia suficientemente para podermos considerar como uma das mais altas obras que se tenham realizado em cinema.

E' por um lado uma exaltação da revolta, o poema simbólico do povo escravizado pelo estrangeiro, e que rompe finalmente as cadeias; duma verdade feroz ao mostrar os ridículos dos chefes do exército inglês. E' por outro lado um documentário admirável do povo tibetano, dos seus costumes, como da paisagem desse recanto áspero da Ásia.

Tudo isto, porém, não é o essencial do *film*, que não está no assunto, na côr local, nem na perfeição técnica, mas no ritmo extraordinário que estremece de ponto a ponto do *film*, fazendo dêle um destes poemas que nos suspendem a respiração, que nos alheiam completamente do que não seja a sucessão das imagens no *rectângulo mágico*.

O grande valor do *film* está no éco que em tôdas as almas encontram os sentimentos e as paixões que exprime: nada há ali que nos seja estranho: é com todo o nosso ser que tomamos contacto com as imagens que se sucedem. Quando Timur se revolta, e do carneiro morno e aparentemente insensível se torna a própria encarnação da revolta, quem ousará dizer que não se sentiu revolvido no mais íntimo da alma?

E essa emoção não deriva unicamente de ser essa, e não outra scena menos intensa, que vemos: mas depende essencialmente da verdade com que realizador e intérprete, recriam perante os nossos olhos estados fundamentais da sensibilidade. Aqueles

que não tenham visto o filme não poderão compreender as minhas palavras: porque os actores de *Tempestade na Ásia* são tão poucos actores, estão de tal modo isentos de artifício, vivem de tal maneira o seu papel, que nos esquecemos de que eles representam.

E' da Rússia que esperamos a salvação do cinema: a ausência de *estrêlas*, de *galãs*, de *filmes feitos* para exhibir um actor ou uma actriz; a libertação dos interesses financeiros; tudo isto, acrescentado ao facto de

## TRINDADE

### A noiva n.º 68, com Conrad Veidt

Numa Austrália de fins do século passado, entre a gente variada dos pesquisadores do ouro, desenvolve-se este filme que tem, apesar de certas banalidades, um vigor, uma crueza invulgar. E' um drama dum individuo que entre duzentos ou trezentos que esperam uma noiva (noivas mandadas de Inglaterra, em vista da falta de mulheres que havia na Austrália) é o único que, depois de durante muito tempo não ter sonhado senão com essa tão desejada, ainda que ignorada, mulher; fica desiludido, pois a que lhe era destinada morreu; mas o acaso revela-lhe que não é assim, e que a que lhe era destinada vive, mas foi para outro, pois quando da morte da outra, um sorteio escolheu qual dos homens ficaria sem noiva. Como não tenciono contar o filme, nada mais direi: este pouco tem por único fim indicar a atmosfera do filme, que é invulgar, pois o problema é dos mais curiosos. Mas, certas coisas estragam um pouco a impressão geral: o filme é inutilmente complicado por um dispensável *fait divers*; de qualquer maneira, há em todo elle uma sinceridade, por assim dizer, uma preocupação de mostrar homens verdadeiros e sem disfarce, que dão ao filme grande valor. A animalidade, o instinto brutal e sem máscara, tem no filme algumas representações admiráveis de verdade. Um filme em que há tragédia, mas sem gestos, sem esgares: uma grande compreensão do homem, ainda que visto sob poucos aspectos. Um filme rude, sem literatice, sem sentimentalismo.

Conrad Veidt, de que será ocioso fazer o elogio, exagera todavia um pouco o seu papel que, como sempre, é o de um homem pouco menos que doído; destrambelhado e esmagado pela vida.

### Charlie Chaplin e os senhores do «Kino»

«Kino» publicou um número contra Chaplin. Não é o facto de ser contra que nos indigna; mas esta attitude, que não sabemos se classificar entre as ridículas ou as grosseiras, não é motivada numa opinião, não se funda num critério, numa attitude crítica: deve-se apenas ao facto de ter Chaplin exprimido a sua nenhuma fé no cinema sonoro! Ou os senhores do «Kino» andam muito falhos de assunto, ou perderam decididamente o sentido crítico — se é que jamais o possuíram. Diga-se também que, não se esqueceram de trazer à baila — quais puritanas *enragées* da livre América! — a história dos amores, casamentos e divórcios de Chaplin. Com isto, entramos no domínio do mais

na Rússia terem aparecido formidáveis criadores como Eisenstein e Pudovkine, obrigam-nos a voltar os olhos anciosos para ela, já que o *nosso* cinema se torna cada vez mais uma flor de estufa, abafado, dum lado pelas imposições aniquiladoras dos interesses financeiros, do outro pela crescente incapacidade dos realizadores, que, não sabendo libertar-se, se perdem numa cansada repetição de banalidades e lugares comuns.

crasso selvagismo. Depois não gostam de ouvir dizer que Portugal é um «país de pretos».

E' tudo isto, porque o deus de ontem não está de acôrdo com eles. Porque não teve receio de pensar ao contrário dos senhores do «Kino» — se elle soubesse, até lhes pedia desculpa; — porque pensa contra a opinião — a *Opinião Pública!* — fora com elle! Esquecida a admiração passada. Esquecidas, a *Quimera do Ouro*, o *Circo*, o *Peregrino*, e tantas obras admiráveis!

Ah! meus senhores! que belo assunto para um filme de Charlot! . . .

## OLÍMPIA

### O Castelo da Morte Lenta

Com a *isca* de «não levem crianças», de «filme para cinéfilos», o cinema Olympia levou muita gente a ver essa fantochada ridícula — que nem a crianças mete medo — que dá pelo nome pomposo de *O castelo da morte lenta*. Protestamos contra este ignóbil processo de encher a sala.

Indigna-nos este autêntico *vigário*, pois o filme está abaixo de tudo o que se pode imaginar. Lamentamos que a *sinfonia* de assobio com que o público coroou o filme, não tenha sido mais prolongada e violenta, para acabar de uma vez para sempre com a convicção em que estão as empresas dos nossos cinemas de que o público é um boneco que aceita qualquer coisa.

## ÁGUIA DOURO

### Narcose, realização de Alfred Abel

E' possivelmente irregular, com muitos defeitos, com concessões ao *gosto* do público.

Mas é apesar de tudo, belo. Há filmes assim: indecisos, entre bons e maus, mas com uma força que apesar de tudo nos arrebatam e subjuga. Esse tema da mulher eternamente desconhecida pelo homem que ama, que três vezes a encontra e três vezes a esquece, talvez fôsse susceptível de um aproveitamento mais perfeito, mas mesmo como é nos pareceu admirável. Há bastante artificialidade e banalidade no processo usado para nos mostrar o passado; mas tirando isto, não vemos um verdadeiro grande defeito. E' pena que Jack Trevor não esteja à altura de Renée Heribel e de Alfred Abel; não tem mobilidade de expressão, é parado, frio; chega mesmo a tornar-se desagradável. Renée Heribel admirável, mostrando uma profunda consciência do que tinha de trágico a personagem que interpretava.

A fotografia é muito boa, e poucas

vezes vimos um ritmo tão equilibrado, e as imagens fundindo-se umas nas outras com tanta perfeição.

Parece-nos que o filme não deve pouco ao argumento: foi extraído duma novela de Stefan Zweig — e notemos que poucas vezes se adaptam obras de *verdadeiros* escritores; quanto haveria a fazer, no sentido duma *purificação* dos argumentos.

## A rusga, de Sternberg

Que a interpretação (de Bancroft, Evelyn Brent e William Powell) seja admirável, e o filme tenha scenas perfeitas, pedaços magistraes, não impede que no fundo a impressão seja péssima, pois se explora um sentimentalismo do mais ridículo, e se abusa, tornando-as ineficazes, de certas situações que em *Vidas Tenebrosas* estavam bem, porque não eram como aqui vulgarmente teatraes; o grande defeito deste filme é mesmo de querer repetir *Vidas Tenebrosas*, que era um filme admirável, mas impossível de repetir — pois tudo o que é admirável é único.

## Chegou a esquadra, com Clara Bow

Chega a ser inacreditável que se possam fazer filmes tão perfeitamente imbecis como este. E' para mais, Clara Bow tem uma detestável interpretação.

Um filme destes é o tipo mais perfeito da produção e em série, e da inferioridade a que se chega quando se perde de vista que fazer um filme não é precisamente a mesma coisa que fazer um Ford.

## Política e cinema

Chamaram-me a atenção para uma crítica (?) à *Tempestade na Ásia*, publicada na *Montanha*, e da autoria do sr. E. L.

Li. E' indignou-me na verdade a arrogância grosseira com que o sr. E. L. diz asneiras. Pensei responder; mas arrependido a tempo, vi que seria dar ao caso uma importância que não tinha pois críticas daquela ordem, evidenciam de tal modo a irresponsabilidade e a miséria mental do seu autor, que responder-lhes seria fazê-los inchar de vaidade — o que era perigoso, pois dado o inchamento actual era provável um estouro, como aconteceu à conhecida rã da fábula. O sr. E. L. é uma rã que quis ser . . . crítico, mas nem assim inchado podemos dar pela sua existência como ser pensante.

Se alguma coisa há todavia a estranhar no caso, é que jornais que se afirmam republicanos insiram nas suas páginas tais *specimens* de prosa evidentemente reaccionária pois a *crítica* da referida . . . rã, não é senão uma tentativa de diminuir o filme de Pudovkine, acusando-o de filme de propaganda soviética!

A' *Montanha*, os nossos pesames . . .

# a deformação dos espíritos

OS nossos políticos raras vezes se lembram de que além da *família republicana* há uma outra família: a família, simplesmente, o ambiente em que são modeladas as almas infantis com dedadas indeléveis. Vive-se, entre nós, no domínio cómodo da abstracção: as ideias vagas satisfazem a consciência da maioria dos nossos homens públicos, daqueles que são chamados a dirigir a Nação. Não faltam terapeutas a recomendar mil modos de *salvar a Pátria*. Mas para os problemas mais instantes, mais concretos da vida de hoje, são poucos a voltar olhos atentos e conscienciosos. Contentam-nos com pouco; e não nos faltaria vontade, ao pôrem-nos ante os olhos os mais graves problemas, por exemplo, o da situação do proletariado e tudo o que lhe diz respeito, de negar a existência de tais problemas.

Neste momento, penso especialmente no pouco que se atenta na educação pre-escolar, na educação que a criança recebe do meio em que nasce.

Por natureza, o português é indiferente: direi mais, é covarde; o que mais nitidamente resulta da observação do nosso passado, é um ódio inconsciente a tôdas as manifestações de vida consciente e livre. A voga do poeta *lírico* (no pior sentido da palavra) nasce dêsse amor da facilidade, digamos de rotina, que é simultaneamente o amor das formas mais tradicionais que revista a vida do espírito.

Educar é, para nós, fazer com que a criança se pareça connosco: daí, que os pais persigam nela tôdas as manifestações de espontaneidade, esquecidos de que, quando crianças, também neles tinha sido perseguida tôda a pretensão de liberdade; as crianças são, entre nós, ensinadas a imitar e a repetir: e é principalmente no que diz respeito à educação religiosa, que a criança é mais escravizada; ao mesmo tempo, enchem-na de terrores, põem-lhe imaginações de formas temerosas e horríveis, ensinando-lhe a ter medo, em vez de lhe ensinar a coragem, preparando-se para a tristeza e para o culto das sombras.

Não é aqui lugar—nem eu tenho competência—para esboçar um quadro das mil torturas com que as almas rígidas e endurecidas dum povo que odeia o que é são e claro, procura apagar na criança o amor e a confiança. Mas é escusado; olhem em roda; por todos os lados vemos exemplos: uns, incutindo nas pobres consciências dêbeis os preconceitos sexuais, cuja impossibilidade de ser compreendidos, faz com que a criança entre na puberdade com uma curiosidade mórbida e doentia; outros, proibindo-lhe de mil maneiras a ter reacções espontâneas perante o que ela vê, agora proibindo-lhe de perguntar, porque «são coisas que se não

deve saber», logo ensinando-lhe a hipocrisia pela proibição de rir, de falar, de não estar quieto; de todos os modos e sob todos os aspectos, uma autêntica inquisição de que a criança sai dúplíce, mentirosa, reservada, e, o mais das vezes, envenenada para tôda a vida.

Não tem havido entre nós nenhum esforço organizado para arrancar esta primeira educação da criança de mãos inexperientes.

Em Portugal, é sabido, os problemas de educação não conseguiram nunca interessar senão a meia dúzia dos especialistas; e é mais precisamente à instrução do que à educação que êstes mesmos especialistas dão o seu interesse; mais ainda: o problema menos debatido, é precisamente êste, da primeira educação.

Todavia, temos de reconhecer que, sendo norma, em 99 por cento das famílias portuguesas, aquela *educação* asfixiante e venenosa de que falei, êste problema se torna o mais importante da educação nacional, pois que ao chegar à escola, caso não tenha escapado por qualquer razão à moldagem aniquiladora, já leva consigo miasmas que será quasi impossível expulsar do seu espírito... e da sua sensibilidade.

Sei bem que a escola não está, em Portugal, em melhores condições que a família; o seu espírito é, com mais que raras excepções, uma ausência de espírito, uma incompreensão total do que deveria ser a sua missão.

Mas, o problema é de mais fácil resolução, pois para que a escola de hoje seja substituída por outra, sã e vivificante, bastaria a formação duma *elite* de professores que a orientasse; ora a formação desta *elite* não se apresenta tão problemática como o desaparecimento da ignorância e incompreensão da família para com a criança; aqui, temos de contar com a oposição—inerme, oposição por indiferença, que é a pior—de uma sociedade inteira, cuja existência é puramente vegetativa. Ao passo que a preparação duma *elite* de professores, e, por meio desta, a vivificação do ensino, precisam, para se realizar, dum campo menos extenso, e, como é evidente, mais propício.

Desde que a escola esteja reformada, aqueles que a ela vierem encontrarão um ambiente em que poderão desenvolver as suas possibilidades de compreensão; mas sêtes não serão os únicos pais; como atingir aqueles outros que não passarem pela escola?

E' para êstes problemas que se torna necessário que todos nós olhemos, não com os simples olhos da curiosidade, mas com o olhar mais atento dos que não podem deixar, conhecendo o mal, de o tentar corrigir—e por pouco que seja aquilo de que se sentem capazes.

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

10



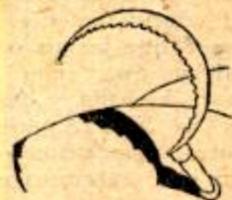
P R E S E N Ç A

fôlha de arte e crítica

COÍMBRA

assinaturas: série de 3 números, 7\$50; idem de 6 números, 15\$00; número avulso, 3\$00

COLABORAÇÃO DE ESCRITORES E ARTISTAS  
DA GERAÇÃO MODERNISTA



**ESTABELECIMENTO**

**DE ÓPTICA**

(CASA FUNDADA EM 1854)

**EMILIO DE AZEVEDO CAMPOS, FILHOS**

RUA 31 DE JANEIRO, 137

PORTO



Instrumentos de precisão

Instrumentos cirúrgicos

Utensílios de Laboratório



**ALIANÇA**

**BOLACHAS ▾ BISCOITOS**

**MASSAS**

Classificação de Laboratório